



BENEDITA DA SILVA, PT, Rio de Janeiro

Interpela o constituinte Florestan Fernandes sobre quais outros processos, além de inscrever na Constituição Federal as garantias dos direitos dos índios e negros, seriam recomendáveis no sentido do estabelecimento de um debate permanente na sociedade quanto às questões das minorias.

Reunião 25.05.1987 / ANC (Atas das Comissões) SNPIM, 25.05.1987, p. 25-27.

A SRA CONSTITUINTE BENEDITA DA SILVA: – Sabemos que não basta escrever na Constituição esse direito do índio, o direito do negro. Entendemos que é preciso haver outro processo juntamente com os processos das leis, que vai fazer com que o debate seja permanente na sociedade com relação à situação tanto do índio quanto do negro.

Como o Professor Florestan Fernandes é um grande conhecedor da matéria e como entendemos que a educação, essa formal dada, fortalece a questão do preconceito, na medida em que a nível da História, a História que é passada para as nossas crianças – estou falando da criança em si – elas aprendem que realmente o índio é a coisa mais engraçada do mundo, aí se enfeitam, colocam a peninha no "Dia do índio", aquela coisinha toda, e o índio é o preguiçoso mesmo e vai continuar sendo o preguiçoso. Isto com relação à criança.

Vamos observar isto no primeiro e no segundo grau e, quando se está na faculdade, também ali acaba assim a História. E vamos observar com relação ao negro também, que o negro chega, ele é escravo. Não. Ele foi feito escravo aqui, escravizaram-no aqui. Como é que se passa essa História, como é o processo cultural da comunidade negra, do índio, que e passado a nível das nossas histórias nas escolas? Devemos desencadear, junto ao processo constitucional, também uma divulgação, um debate, que possa fazer com que haja por nossa parte, individualmente até, e no coletivo, uma reflexão em torno da questão do preconceito.

O Professor Florestan Fernandes tem um vasto conhecimento, está embasado para tal. Gostaria que colocasse um pouco como é que podemos avançar a nível desse processo. A compreensão do Professor também passa por essa questão de que não basta, pura e simplesmente? De que forma iremos levar mais adiante toda essa proposta?

O SR. CONSTITUINTE FLORESTAN FERNANDES: – Um sociólogo, por mais ou menos competente que seja, ou qualquer antropólogo, diria que o que a Constituição prescreve não tem nada que ver como a realidade será. O famoso livro de Myrdal **The American Dilemma**, "O Dilema Norte- Americano", é exatamente um livro escrito para mostrar como a relação entre negros e



brancos nos Estados Unidos, desobedece o preceito constitucional da igualdade Fundamental entre os seres humanos.

O livro do Professor A. Selth sobre a educação. **Young Towns Youth** A Juventude das Cidades de Young Towns – e um nome fictício, mostra que, apesar do preceito constitucional da igualdade de oportunidade para todos nos Estados Unidos, as oportunidades educacionais atravessam a desigualdade da situação econômica e social das famílias. Temos fora do Brasil, em países desenvolvidos, exemplos que mostram que é preciso estabelecer maior equilíbrio na sociedade para que certas distinções desapareçam.

É muito difícil estabelecer recomendações, porque os movimentos da década de 60 e início de 70, levaram a uma forte política de dessegregação racial nas escolas nos Estados Unidos. O que essa dessegregação provocou? E provocou, de imediato, a matrícula poderemos chegar, e isto de uma maneira um pouco difícil, demorada, prolongada, a eliminar barreiras raciais e estereótipos negativos de caráter étnico ou racial. Vejam bem a situação dos judeus na União Soviética.

Há quem critique o fato de que persistam certas formas de preconceito e discriminação. É que o socialismo não se implanta homogeneamente de uma forma muito rápida. Quantos séculos durou a formação dessa atitude discriminativa e segregativa? Quanto é preciso mudar no íntimo do homem para que ele aceite que todos os seres são iguais, para uns perante as leis, para outros também perante o ideal? No caso brasileiro, psicólogos e sociólogos que estudaram estereótipos – e os estudos dos pedagogos são muito interessantes, porque são estudos que mostram como é verdade que a introjeção do estereótipo se faz simultaneamente nas crianças negras e brancas, através do processo educacional, através dos exercícios educativos utilizados na escola – livros há que descrevem o indígena como uma criatura de comportamentos infantis, que descrevem o negro como uma pessoa que tem baixas qualificações intelectuais.

Não se pode dizer que os autores desses livros tenham deliberadamente procurado atingir esse objetivo. Faz parte da pessoa, às vezes eles contam a história assim. O Professor Bento Moreira Leite, por exemplo, é autor de pesquisa sobre estereótipos nacionais e raciais em histórias brasileiras. Depois surgiram vários outros. Na pesquisa que fizemos para a UNESCO também houve um desdobramento de pesquisa psicológica, através de folgedos, feita por duas psicólogas de grande valor, Virgínia Bicudo e outra professora de nome alemão, de cujo nome não me recordo, que mostram a persistência de atitudes preconceituosas. Como removê-las? Através da educação, e através da mudança da pessoa e através da transformação da própria sociedade.



Na medida em que o negro, o indígena – isso afeta o japonês, afeta outros grupos nacionais minoritários, só que eles também têm discriminação e preconceitos contra os brasileiros, através de processos pelos quais as sociedades de classes, por enquanto temos que falar nas sociedades de classes e capitalistas – na medida em que o êxito de negro, o êxito de indígenas ou, então, o êxito dos japoneses ou, então o êxito dos libaneses, sírios, italianos, na medida em que o êxito vai mudando a posição deles na sociedade, as atitudes a respeito deles também vão-se transformando. Este é um processo lento, gradual, secular. Não há mecanismos pelos quais esses processos possam ser acelerados.

Através da educação, pode-se atingir a alguns objetivos. Se o que se alcança pela educação não for reforçado por práticas sociais, o que vai acontecer é que os ganhos na esfera da educação serão perdidos posteriormente, pelo fato de que o negro é associado ao escravo; através do negro, o branco vê o ex-escravo, e se coloca numa posição de superioridade, tutelação e de mandonismo. Uma vez, vivi uma experiência muito interessante. Eu estava num táxi, um chofer de ascendência italiana estava dirigindo, eu morava no Brooklin e, passando por Vila Nova Conceição, ele pediu para parar num bar, para comprar um maço de cigarros: na verdade ele queria beber um copinho de pinga. Ali estava um senhor negro de negros em uma porção de escolas, e, em seguida, a população branca fez pressões violentas e os negros acabaram saindo por conta própria das escolas. O antagonismo racial, em vez de diminuir, aumentou. A experiência deu certo em algumas regiões, mas os especialistas hoje estão estudando por que a dessegregação racial acabou falhando.

Então, o problema é de educação da coletividade. Eu que sou socialista, acho que só o socialismo, eliminando a diferença entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, só criando condições de igualdade entre todos, eliminando a propriedade privada dos meios de produção, só por aí também tomando seu copo de pinga. Ele conversou com ele, deu um abraço e saiu. Eu disse: – Gostei de ver, o senhor é amigo daquele senhor negro. Ele respondeu: amigo, eu? Eu não tenho amigo negro. Essa é a gente mais falsa que existe no Mundo. E por aí a fora... Quer dizer, as aparências enganam muito. A pessoa passa pela escola, recebe um verniz de civilidade, e depois, na prática, ela não observa. O negro ou aquele que for afetado pelo preconceito precisa ter uma personalidade muito forte para reeducar-se e reeducar os outros.

Na pesquisa que fizemos, por exemplo, havia um senhor que tinha três filhas um homem muito maduro. Ele era sapateiro, trabalhava muitas horas, e suas três filhas estavam todas na escola. Contou, de uma maneira muito emocional, a dor que sofria ao ver que as filhas, à medida que cresciam, passavam a ser discriminadas e excluídas pelas antigas companheiras brancas. É preciso que se utilizem vários canais simultâneos. Não pode ser um



programa confinado a escola. Ele tem de passar por vários níveis. Tem de atingir a televisão, o jornal, e isso a própria população, que é posta em questão, tem a capacidade de fazer. Se na propaganda de um produto, por exemplo, presuntos Sadia, aparece um garçom negro servindo, a população negra boicota, e a empresa logo aprende que não deve fazer isso. Esta é uma forma de pressão. Por este caminho, os negros, nos Estados Unidos, eliminaram rapidamente várias visibilidades negativas que afetavam a população negra. Existem outras questões que são mais profundas e podem exigir amparo legal.

Daí a necessidade de o combate ao preconceito e à discriminação ser estabelecido constitucionalmente e legalmente. O medo de sanções pode, pelo menos, levar a pessoa a não externar a sua hostilidade. Vão dizer que esta não é uma grande vitória, mas já é uma vitória parcial. Certos comportamentos, não sendo repetidos externamente com freqüência, criam um elemento favorável ao seu desaparecimento gradativo. É preciso um processo educativo e repressivo que não atinja só a escola.

Tem que atingir todas as instituições-chaves da sociedade, principalmente os mecanismos pelos quais as pessoas se impõem como um cidadão consciente dos seus direitos e de seus deveres e dos mecanismos legais de que dispõe para se defender, etc. A resposta exigiria muito que falar. Interrompo aqui.